



## **“Elogio fúnebre a um artista tipógrafo”: práticas e representações cristãs diante da morte segundo o jornal Folha de Sergipe (1895)**

Suelayne Oliveira Andrade<sup>1</sup>

### **1 Introdução**

A proposta de estudo que aqui será apresentada, surgiu de maneira ocasional durante o desenvolvimento das atividades do projeto de pesquisa “Escrevendo em nome da fé e diante das vicissitudes históricas...”: Imprensa cristã e artigos de cristãos nos jornais laicos sergipanos. Examinando com muita acuidade um dos jornais desse projeto, a Folha de Sergipe, nos deparamos com um texto sobre falecimento de alguém. Esse texto, na primeira página do jornal, é rico em traços decorativos e uma narrativa rebuscada. Isto nos chamou muita atenção. Ele é uma exaltação ao dono desse jornal que tinha falecido. À medida que nossas atividades avançavam e que íamos encontrando mais informações a respeito do falecido dono do jornal, não houve como negar que a fonte a qual nos deparamos poderia nos proporcionar reflexões valiosas a respeito da mentalidade sobre a morte na sociedade aracajuana no século XIX.

Compreender as formas de se entender a morte e de como a sociedade a vivenciava é a proposta temática do presente trabalho. A visão de morte na sociedade aracajuana vai ser analisada através das publicações de necrológios no Jornal Folha de Sergipe. Nesse sentido, transitaremos na temática a respeito das representações sobre a morte nos necrológios publicados neste jornal utilizando-se do meio de comunicação como uma ferramenta de compreensão dos aspectos sociais e culturais desta sociedade.

Por que anunciar notícias fúnebres e elogios aos mortos através dos jornais? Quais as representações sobre a morte no necrológio publicado nesse jornal? Qual a função dos necrológios? Estes questionamentos serão

---

<sup>1</sup> Mestranda pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do grupo de Pesquisa Imprensa Cristã. Orientador Antonio Lindvaldo Sousa. Agência financiadora: CAPES. Endereço eletrônico: su.elayne@hotmail.com.



fundamentais para a construção de uma história da mentalidade. Buscar o entendimento das representações cristãs presentes nos necrológios, de um jornal com característica leiga, nos trará para um campo de experiência que irá favorecer a compreensão textual e iconográfica que representavam os anseios, angustias e demais sentimentos que o evento da morte poderia despertar entre os vivos.

Podemos presumir algumas hipóteses para o levantamento dos aspectos deste trabalho, dos quais podemos pontuar: a abrangência que o jornal como veículo de comunicação poderia atingir a sociedade como aspecto modernizador dos meios de comunicação da época. Portanto, anunciar um falecimento ou descrever as qualidades do ser ausente nos jornais era o meio utilizado para atingir um maior número de pessoas. Outro fator que podemos antecipar, é a ideia do jornal como importante meio de comunicação, através do qual também passou a ser utilizado como meio para legitimar as representações sociais dominantes na época.

O objetivo é perceber as recorrências e mudanças das práticas voltadas para a piedade cristã perante a morte na sociedade aracajuana, durante a década de 1890 através dos impressos, como contribuição para a história cultural a partir das práticas religiosas. Identificar através da narrativa textual e iconográfica os elementos simbólicos que caracterizam a visão de morte e os rituais que a envolve, ressaltando os da crença cristã. Delinear através dos necrológios formas de preservação da memória através das expressões de luto.

Tomemos o conceito de História cultural proposto por Roger Chartier. Esse autor aponta que a história cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, que direcionam as práticas plurais e contraditórias que dão significado ao mundo (Chartier, 1990, p.27). O mesmo nos ajuda a compreender o termo representação como construção de um conhecimento imediato, reconhecendo a distinção entre a representação e o representado, a qual pode ser corrompida pelas formas de teatralização da vida social (Chartier, 1990, p. 20-21).



Ankersmit nos ajuda nessa reflexão ao propor a aproximação do termo representação com experiência. A linguagem pode representar a experiência vivida por quem escreve ao analisar as sensações que as palavras podem provocar no leitor, nos ajuda a interpretar as associações que estas trazem da realidade vivida. As palavras transmitem o que foi sentido por alguém, desta maneira “a linguagem sempre orienta e determina a experiência” (Ankersmit, 2012, p.244). Portanto, o código simbólico da linguagem escrita nos permite uma relação direta e imediata com a experiência vivida pelos indivíduos históricos possibilitando o entendimento e a compreensão da realidade.

Para a compreensão dos conceitos e representações sobre a morte utilizamos das referências do trabalho de Philippe Ariés, trazendo o entendimento acerca dos rituais que envolviam o momento da morte e a caracterização das práticas de luto. Através deste autor vamos trazer a compreensão das ideias da morte interdita, do culto aos mortos e as manifestações de luto que prevaleceram no século XIX. Outras referências também serão utilizadas para auxiliar a análise documental. As quais servirão de suporte para a construção textual e análise dos elementos iconográficos e textuais do necrológico de Capitolino Henrique da Costa, presente na edição de nº 435 do Jornal Folha de Sergipe<sup>2</sup>, complementando com o cruzamento de outras fontes.

Contextualizar o Jornal Folha de Sergipe como um dos importantes veículos de comunicação existente durante o século XIX em Aracaju é primeiro caminho a ser percorrido. Entender suas características, sua evolução e permanência como meio de comunicação, é de fundamental importância para a percepção dos signos sociais que ele representava. Em seguida, entender o sujeito que estava por trás do Jornal Folha de Sergipe também proporciona a percepção de aspectos culturais que possam representar a mentalidade de dada sociedade em determinada época. Por fim, será apresentada uma análise do necrológico de Capitolino Henrique da Costa, com o intuito de destacar os elementos cristãos e as características

---

<sup>2</sup> Jornal Folha de Sergipe. 28 de Março de 1895, nº 439. Pac. 30G. Acervo da Biblioteca Epifânio Dórea.



do luto, associando a visão de morte na sociedade aracajuana do século XIX, expondo os elementos de recorrências e mudanças vinculadas às representações de morte através da narrativa e da iconografia disposta no necrológio.

## **2 Breve contextualização e caracterização do jornal Folha de Sergipe**

“A leitura dos discursos expressos nos jornais permitem acompanhar o movimento das ideias que circulam na época” (Capelato, 1988, p.34). É nesta perspectiva que iremos contextualizar o Jornal Folha de Sergipe, como meio de estudo dos aspectos que contribuem para a compreensão da vida cotidiana da sociedade aracajuana do século XIX, entendendo como os diferentes grupos sociais podem se utilizar dos jornais para exprimirem ideias, práticas e como estes atuavam a partir de seus interesses particulares.

Ao caracterizarmos o Jornal Folha de Sergipe definiremos como fases suas diferenciações, condicionando suas características a exemplo do formato, tipo de notícias e contexto histórico. Desta forma, Chamamos de primeira fase as primeiras edições do jornal, que correspondem ao ano de 1886, a qual se acredita que sejam aquelas que remetem a fundação do jornal. Neste mesmo período as publicações impressas no Brasil adquiriam um caráter comercial a partir do século XIX, a composição de ideias apresentadas na imprensa do Brasil abrangia de maneira democrática as diversas opiniões que compunham um universo plural e democrático desde a origem da imprensa (Bahia, 2009, p.67), abarcavam ideais conservadores, liberais, monarquistas, radicais, positivistas, abolicionistas e entre tantos outros que se propagavam na época.

No século XIX, assim como novas ideias, também surgem novas técnicas gráficas nas edições dos jornais, como resultado do avanço científico e industrial. Tais técnicas incorporam no jornalismo uma estética composta por frisos, vinhetas, bonecos (Bahia, 2009, p.67) que passam a animar os impressos desde o ano de 1831 no Brasil. Estes elementos gráficos também serão fonte de análise sobre os necrológios, o qual será tratado mais a frente.



A imprensa no Brasil teve seu desenvolvimento sempre condicionado a estabilidade econômica. As condições favoráveis ou desfavoráveis impostas pela dinâmica da economia poderiam influenciar diretamente no funcionamento das tipografias. Entretanto, este fator beneficiou para o desenvolvimento de um número favorável de jornais políticos no século XIX, que para Juarez Bahia (2009, p.68), teve duração efêmera. Segundo o mesmo autor, os jornais que mais prosperaram são resultado da aliança da aristocracia rural com a burguesia ascendente nas cidades. Podemos caracterizar A Folha de Sergipe como um desses veículos de aliança entre os grupos políticos, assim como o Juarez Bahia indica.

Ao nos debruçarmos sobre a duração do jornal Folha de Sergipe percebemos que este passou por diversas interrupções, apesar de termos registro que ele tenha resistido até o ano de 1918. Na primeira fase, o jornal aparece com o título de A Folha de Sergipe e subtítulo Diário da Tarde, como o próprio subtítulo sugere, era um impresso publicado diariamente que tinha nesta primeira fase algumas características que diferenciava das suas publicações seguintes. Estes exemplares guardados pelo acervo da Biblioteca Epifânio Dórea se encontravam em estado de deteriorização, com folhas partidas ao meio, das quais tomamos o cuidado de identificá-las, montá-las para a digitalização e preservação do documento.

A partir dos trabalhos desenvolvidos no projeto de pesquisa foi possível perceber que o Folha de Sergipe era um jornal de caráter noticioso, com um apelo literário e comercial. Em relação a sua estrutura física, seu formato era menor em relação às edições publicadas a partir de 1890. Entretanto, seus aspectos gráficos já preconizavam a estética de suas edições futuras.

Não sabemos ao certo o tempo em que durara esta primeira fase do jornal, consideramos que esta fase resumiu-se ao ano de 1896, pois só temos o retorno de publicações destes exemplares a partir de 1890. Este último marco temporal dá início a segunda fase do Jornal Folha de Sergipe. Nesta fase o jornal está marcado por objetivos claros e com uma predominância de notícias políticas mais evidentes, sem extinguir por completo aspectos apresentados na sua primeira fase.



Na primeira edição do jornal Folha de Sergipe primeira no ano de 1890 aparece em seu cabeçalho o nome do diretor do jornal, o Capitolino Henrique da Costa, o qual justifica a ausência deste impresso no foro de opinião:

Pede o uso geralmente aceito que expliquemos o fim de nosso aparecimento no foro de opinião.

Inspirou-nos a gravidade da situação, na qual transcendem o revolotear dos elementos dynamicos para estabelecer nossa autonomia.

Nem de indiferentes ás dificuldades que assoberbam o novo caminho, nem de infieis ao exito da nova organização política jamais nossa fibra de patriotas toleraria a posição. Verdadeira crise, em que explodiria o choque entre a dinamica e a statica se o patriotismo não actuasse como isolador, manifesta-se por toda parte ao encontro de interesses que se chocam e ao fermento de paixões que se desenvolvem<sup>3</sup>

Segundo Juarez Bahia (2009, p.88), a imprensa brasileira do final do século XIX transformou-se de uma frágil estrutura individual com raízes políticas, mas com estreitos laços sociais, para uma organização familiar com interesses de classes. Esta imprensa ainda será caracterizada como de oposição, dedicada a denunciar e criticar a política vigente, ou defendê-la, caso seu grupo de interesse esteja no poder. Mesmo de maneira improvisada os jornais se manterão como meio de veiculação do pensamento e ação da sociedade brasileira (Bahia, 2009, p. 92). Esta fase é representativa da consolidação empresarial da imprensa no Brasil, apesar dos jornais manterem um caráter panfletário e nem sempre sua inovação tecnológica corresponder aos parques industriais que surgem nos grandes centros urbanos do Brasil (Bahia, 2009, p.112).

É no final do século XIX, que com os avanços dos meios de comunicação, impulsionados pela industrialização e mudanças nas estruturas de trabalho, que os jornais passam apresentar ideias dominantes de que deve atender ao interesse público, buscando uma valorização das leis, das instituições e das conquistas sociais voltadas para os indivíduos (Bahia, 2009, p.115), surge então no discurso da imprensa uma exaltação ao progresso, como pode ser percebido no trecho da edição nº 1, do jornal Folha de Sergipe de 1890: “A ordem e o progresso pedem franca estrada e desta devem ser obreiros a justiça e a liberdade”. Propõe-se a um discurso neutro

---

<sup>3</sup> Folha de Sergipe, 15 de Novembro de 1890. Ano I. Nº 1. Acervo da Biblioteca Nacional.



para bem do exercício dos “negócios públicos” exortando a educação política da sociedade, justificando ser estas as principais razões para o trabalho do jornal Folha de Sergipe, exaltando os caráter da “moralidade”, do “zelo pela justiça e pela ordem”.

A autora Maria Helena Capelato (1988, p. 71), nos apresenta algumas reflexões a respeito de alguns termos exaltados pelos donos de jornais existente na imprensa do Brasil, dos quais podemos perceber no trecho que apresentamos acima sobre o Jornal Folha de Sergipe. Termos como *liberdade* e *neutralidade* devem ser entendidos dentro do contexto ao qual está imerso. Capelato apresenta uma indagação em relação a estes termos, “liberdade de fazer o quê?”. Para a autora, estes termos tem estreita ligação com o dono do jornal, com as verdade e mentiras ligadas ao grupo em que este se relaciona com governantes, financiadores, anunciantes e leitores, ou seja, com os grupos políticos e sociais em que o dono do jornal está envolvido.

Marcamos o final dessa segunda fase tendo como limite o ano de 1897, consideramos esta data devido a informações que obtemos a partir do estudo de Ibarê Dantas sobre o político Leandro Maciel, ao tratar sobre as disputas políticas entre “Pebas” e “Cabaús”<sup>4</sup> que ocorreu no ano de 1897, que obrigava a imprensa oposicionista o seu silêncio, o que resultou numa ação policial em julho deste ano em que “praças de polícia roubaram o material da mesma Folha [de Sergipe] e lançaram no rio, impedindo-a de circular” (Dantas, 2009, p.324). Com o impedimento de sua circulação condicionada pela rivalidade política e a perda de seus materiais, a interrupção da publicação do jornal Folha de Sergipe era evidente.

Porém, o que nos interessará perceber neste impresso de circulação diária que resistiu às instabilidades políticas e sociais, é entender como este veículo de comunicação possa contribuir para o entendimento dos aspectos mentais de uma sociedade. A percepção de que o jornal Folha de Sergipe foi um dos veículos de meio de comunicação que representou um determinado grupo social é perceptível ao relacionarmos sua resistência às diversas

---

<sup>4</sup> Grupos políticos de oposição que existiam em Sergipe e representavam os liberais e conservadores.



situações de crises que o condicionara. Mas iremos conferir sua importância como fonte documental para a análise dos comportamentos sociais diante das situações da vida cotidiana de uma época.

## 2.1 O artista tipografo que estava por trás do jornal Folha de Sergipe

O Capitolino Henrique da Costa, diretor e proprietário do jornal Folha de Sergipe estava relacionado aos grupos conservadores, sendo adepto a defesa da monarquia antes da proclamação da república no Brasil. Estas informações são percebidas nos discursos presentes no jornal, nos embates políticos, característica muito marcante na segunda fase do jornal. Tais aspectos sobre o dono do jornal são confirmados e notados a partir do seu necrológio e outras publicações que tinham a função de homenagear o dono do jornal Folha de Sergipe após o seu falecimento.

As informações obtidas sobre o Capitolino Henrique da Costa através das fontes possuem lacunas, ainda faltam informações complementares para formar um quadro histórico sobre este sujeito. Assim, os dados obtidos sobre o fundador do jornal Folha de Sergipe resumiram-se às notas que encontramos no jornal de sua propriedade, em dois documentos de processo crime encontrados no Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe<sup>5</sup> e uma citação de seu nome em um artigo científico. Mais informações estão sendo pesquisadas sobre este sujeito anônimo na história de Sergipe, portanto, o que apresentaremos é uma breve descrição do sujeito histórico.

Compreender quem era Capitolino Henrique da Costa também nos permite compreender o mundo no qual ele estava imerso, assim como podemos compreendê-lo a partir da sua época. Para Dosse (2009, p.103) a biografia pode favorecer a compreensão das correntes de ideias, de mentalidades. A história se utiliza da biografia para compreender os *grandes homens*, destaca a compreensão de um tempo, uma cultura, ideias, a partir das ações dos indivíduos. Citando Burckhardt, Dosse afirmou que, “o acesso ao universal devia necessariamente passa pelo indivíduo, pois sua trajetória concreta é feita de provas que valem por outros tantos desafios capazes de

---

<sup>5</sup> Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe. AJU/1ª V. CRI. Denúncia Crime. Cx. 02/2520. AGJES. AJU/1ª V. Sumário de Culpa, Cx. 04/2640.



determinar sua grandeza histórica” (Dosse, 2009, p. 169). Essa grandeza é perceptível, sobretudo, nas obras de arte, mas pode também se encarnar em indivíduos de outras profissões.

Considerando a grandeza do homem como característica que substitui, dentro do gênero biográfico, a figura do herói. Refletindo sobre a ideia de Burckhart, em relação ao papel do indivíduo como meio de se compreender o universal, podemos nos debruçar sobre a personagem de um artista tipográfico para compreender seu papel na imprensa de Sergipe a partir do seu trabalho, como o jornal ao qual lhe pertencia pode transmitir ideias sociais e políticas que tenham contribuído para o tempo histórico ao qual foi contemporâneo, assim como contribui como fonte histórica para a compreensão de um tempo que já não existe.

Em seu necrológio, o Capitolino Henrique da Costa está sempre sendo exaltado por sua clareza de ideais, pelo trabalhador que foi e por seu espírito artístico. Apesar de ter se estabelecido e crescido profissionalmente em Sergipe, era natural de Alagoas. Não se sabe ao certo os motivos que o trouxeram a este estado. Segundo uma matéria biográfica, publicada na edição de número 440 do jornal Folha de Sergipe<sup>6</sup>, Capitolino Henrique da Costa teria chegado a Aracaju em 1867, provavelmente teria uns dezesseis anos e vivido aqui até 1895, quando morre aos 44 anos de idade.

Seus estudos foram desenvolvidos no Atheneu Sergipense, que durante o século XIX era o espaço educativo que deu origem a personalidades que se destacaram na vida pública (Rodrigues, 2013). Este dado nos leva a hipótese que afirmam o espírito moderno, cívico e o gosto pela política como foi descrito em seu necrológio. O Atheneu Sergipense era um espaço para a prática de produções de jornais, tendo como meio fomentador deste exercício de produção, sua associação estudantil que fundou o jornal O Porvir. No artigo de Simone Paixão Rodrigues, publicado nos anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação, encontramos o registro de que no ano de 1874, Capitolino Henrique da Costa teria concorrido a direção do jornal O Porvir, tornando-se diretor do mesmo.

---

<sup>6</sup> Folha de Sergipe. 29 de março de 1895. Edição nº 440. Pac.30G. Acervo da Biblioteca Pública Epifânio Dórea.



Talvez tenha sido este seu primeiro passo para a profissão a qual se dedicara por toda vida e que lhe conferiu o título de artista tipógrafo. Em sua vida profissional fundou dois periódicos, o *Americano* e o *Jornal do Commercio*, deu contribuições em outros jornais, a exemplo do *Jornal do Aracaju*, *Gazeta do Aracaju* e o *Estado de Sergipe*.

Descrito sempre como um homem leal aos seus ideais, viveu o fim da monarquia e simpatizava-se por ela. Durante o período republicano adotou o como representação política os conservadores, contribuindo muitas vezes em seu jornal para propagar os ideais deste grupo político, mantendo relação com diversas personalidades políticas que compunham o grupo dos conservadores em Sergipe. Fato que lhe reservou grandes embates na vida profissional, pois, suas denúncias apresentadas no jornal *Folha de Sergipe* resultou constantes acusações e processos, a exemplo do processo no qual Silvio Romero o acusou de calúnia<sup>7</sup> pela denuncia por desvios de verbas na compra de livros para a Biblioteca Pública.

Sua família, não muito numerosa, resumiu-se a sua mãe (até o momento não identificamos seu nome), entretanto, através do processo crime pudemos obter o nome de seu pai, Miguel Angelo da Costa, de seu irmão Hermes Paulino da Costa, que também exercia a profissão de tipógrafo. Fora casado, porém, ainda não pudemos identificar o nome de sua esposa, e pelas informações que obtemos através da leitura dos documentos, era viúvo quando falecera, tendo apenas como herdeira sua filha Lucilla Costa.

A proposta não é exaltar a imagem do sujeito histórico como um herói pura e simplesmente, mas esta foi a imagem a qual nos foi apresentada pela documentação em análise, provavelmente este seja um ponto de reflexão para este trabalho, compreender o que estaria por trás da descrição do *grande homem*.

### **3 Representações da morte através do necrológio**

Ao nos propormos analisar o discurso do necrológio dedicado a Capitoline Henrique da Costa, devemos apreender as representações do

---

<sup>7</sup> Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe. AJU/1ª V. CRI. Denúncia Crime. Cx. 02/2520.



mundo social ao qual ele estava inserido. Entender o sujeito histórico é fundamental para a percepção da visão de mundo do grupo ao qual ele pertence e o entendimento dos símbolos expressos pelo autor no necrológio através da escrita. Entretanto, a análise aqui deverá centrar-se na percepção sobre a visão de morte a partir dos símbolos cristãos que podem ser identificados no necrológio, buscando o entendimento de como era vivenciado o momento da morte.

Segundo o estudo feito por Ariés (2012, p.36) a respeito da história da morte no Ocidente, por muitos séculos as formas de morrer estão quase que inertes. Mudanças sutis devem ser observadas com bastante atenção. Este aspecto permanente nas formas de morrer destaca-se por uma tradição cristã, os elementos simbólicos que envolvem a morte estão preenchidos por sentidos religiosos e o *morrer cristão* era o mesmo morrer do *não cristão*. Ênfase que permite entender sobre a tradição nas formas de morrer e nas práticas de luto.

No final do século XVIII e por todo século XIX, o homem ocidental irá se preocupar menos com a própria morte e passará a preocupar-se com a morte do outro. Neste período há um retorno à exaltação e dramatização da morte, a qual passará por uma mentalidade romantizada apresentada retoricamente. O outro, aquele que teve sua vida abreviada, passa a ser visto com saudosismo dando ênfase ao memorialismo no culto aos mortos. Uma nova ideia perante a visão de mundo surge, a ruptura passa a ser a característica dada ao evento da morte. Se até meados do século XVIII a sociedade ocidental socializava a morte de uma maneira familiar, incluindo a participação do moribundo quanto conhecedor dos acontecimentos que lhe acometem, no período aqui estudado a morte passa ser visto como algo que transpassa a vida. Os vivos passam a experimentar e expressar a dor da ausência, sem necessariamente anular elementos do cerimonial. Assim, a partir do século XIX a morte é um evento que comove proveniente da ausência do corpo e da manutenção da lembrança (Ariés, 2012, p. 69).

Esta comoção surge a partir da ideia de ruptura, da concepção de ausência, ela está interligada ao elemento que corresponde à valorização da



vida. Quando falamos das *artes morriendis*, onde o apelo pelo macabro, a descrição da decomposição do corpo e de elementos que representam a “morte seca”, tais elementos possuem uma força de expressão religiosa, as quais são utilizadas como forma de valorização da vida. Ariés explica que este “transbordamento de afetividade macabra pela religião” está associado a religião emotiva do catolicismo romântico e do pietismo (Ariés, 2012, p.70), o que gerou a “complacência para com a ideia de morte”, considerada pelo autor um ponto relevante de mudança na visão de morte do homem ocidental no final do século XVIII.

As relações afetivas, durante este período, apresentam uma proximidade e confiança entre os familiares e amigos (Ariés 2012, p. 72). O fortalecimento nas relações de confiabilidade podem ter permitido que houvesse influenciado nas transformações de algumas práticas comuns diante do evento da morte. Dentre estas mudanças pode ser citado o desaparecimento das disposições espirituais nos testamentos e uma ênfase na manifestação do luto a partir da percepção da ideia de ruptura. Desta forma, o luto passa a ter uma finalidade dupla, uma que permitia aos familiares manifestar por algum tempo uma dor pouco experimentada, e a outra, que era defender os vivos contra os excessos da dor, imposta pela certa sociabilidade. Durante o século XIX, os limites para o luto serão não mais definidos e surgirá uma exacerbação da dor. Devido a tais características, Ariés chamará o século XIX de “a época dos lutos”.

Direcionando nossa análise para o necrológio de Capitoline Henrique da Costa podemos definir o elogio fúnebre como um elemento representativo desse luto característico do século XIX. As representações existentes na linguagem da escrita do texto fúnebre nos permite a percepção dos elementos que compõe a mentalidade característica da sociedade aracajuana no fim do século XIX. Se considerarmos os estudos de Ariés sobre a morte na história do ocidente como principal meio de comparativo para estudar o necrológio, podemos apontar os termos que despertam os elementos característicos da vivência da morte no período aqui estudado.



No segundo parágrafo do necrológio, o redator descreve o sentimento e a sensação experimentada pela notícia da morte de Capitolino, que diz: “Não podemos neste momento de legítima *angustia* encontrar palavras bastante expressivas para significar a *dor* que nos consome, vendo abrir-se em nossas fileiras tão inesperado claro!” No final do texto o autor expressa outros termo que remetem a expressão de dor, causa do luto: “As columnas da Folha, cobrindo-se de *pesado luto*, *parecem gemer soturnas*, com saudades daquelle que tão bons serviços prestara.”<sup>8</sup>

Esse exagero do luto presente no século XIX é resultado da não aceitação da morte do outro, segundo Ariés, este sentimento se originou a partir do culto moderno dos túmulos e cemitérios, que está associado a um caráter religioso característico das sociedades contemporâneas (Ariés, 2012, p. 73-74), principalmente, oriundas das sociedades industrializadas. Há a partir daqui uma ruptura entre a forma de se enterrar e prestar culto aos mortos, sobretudo, quando se inicia uma preocupação quanto à salubridade, já que os espaços dos vivos e dos mortos se misturavam. “Os túmulos tornavam-se o signo de sua presença para além da morte” (Ariés, 2012, p. 76) e o culto aos mortos toma uma característica leiga e os cemitérios públicos passam a serem lugares de manutenção de memórias, portanto, lugares de recordação.

A narrativa também prestará uma função de recordação e por sua vez proporcionar uma imortalidade ao morto. Que intenção teria então, um jornal de grande circulação em Sergipe apresentar um elogio fúnebre ao seu fundador, senão o de exaltar e perdurar a memória deste. Os termos que destacamos anteriormente são alguns dos elementos que se tornaram signos de compreensão de determinada sociedade para o entendimento da dor que amigos e familiares revelam do seu luto. É evidente, que há um apelo de comoção não só para atingir aos que conviviam com o Capitolino Henrique da Costa, mas que qualquer indivíduo que fizesse a leitura daquele jornal tivesse também despertado os sentimentos religiosos de complacência. Tais sentimentos, uma vez despertados, vira signo de memória em cada pessoa

---

<sup>8</sup> Termos em destaque, grifo nosso.



pertencente a aquela sociedade. Desta forma, o ato de cultivar a lembrança do morto abrange a esfera pública e estende-se do indivíduo à sociedade através do despertar da sensibilidade, tanto individual como coletiva (Ariés, 2012, p. 77).

A exaltação a recordação e os elementos religiosos podem ser percebidos no seguinte trecho do necrológio: “Quanto a nós, *feridos por tão implacável golpe*, desfolhamos *piadosamente* sobre o seu túmulo: *as flores de nossa eterna saudade*, buscando conforto no regaço da *fé Christã*”.<sup>9</sup>A dor continua a ser utilizada como sinal de comoção, mas além da exaltação do luto dos vivos, é possível perceber nesse trecho a indicação dos sentimentos e da prática do culto religioso aos mortos. A piedade como meio de prestar homenagem, a acomodação de flores perante o túmulo como uma descrição da prática do culto memorialista e a busca pelo socorro espiritual, neste caso não mais para o morto, mas para os viventes. O fato dos viventes passarem a buscar conforto na fé para amenizar a dor do luto, não quer dizer que estes deixaram de prestar socorros espirituais para os mortos, o apelo à fé cristã apresentada no necrológio deixa claro o meio pelo qual os vivos buscavam amenizar o desconforto da ruptura causada pela morte, entretanto, ao analisarmos outras edições do Jornal Folha de Sergipe, o socorro espiritual aos mortos como era feito em séculos anteriores fora mantido através dos convites a celebrações de missas de 7º dia.

### 3.1 A iconografia fúnebre

Mortos e vivos passam a dividir o espaço urbano e em meados do século XIX o culto aos mortos passou a ter um caráter patriótico (Ariés, 2012, p.78-79), os feitos dos indivíduos passam a serem representado como memoráveis. Os monumentos tornam-se uma representação material necessária para manter na lembrança dos vivos os feitos daqueles que já não existem, conferindo um caráter de imortalidade. A biografia e a tristeza profunda, elementos que cabia muito bem a estética romântica, marca a narrativa fúnebre do necrológio, estes elementos também podem ser

---

<sup>9</sup> Grifo nosso.

observados nas construções tumulares em diversos lugares, contribuem para acrescentar a monumentalidade ao culto dos mortos.

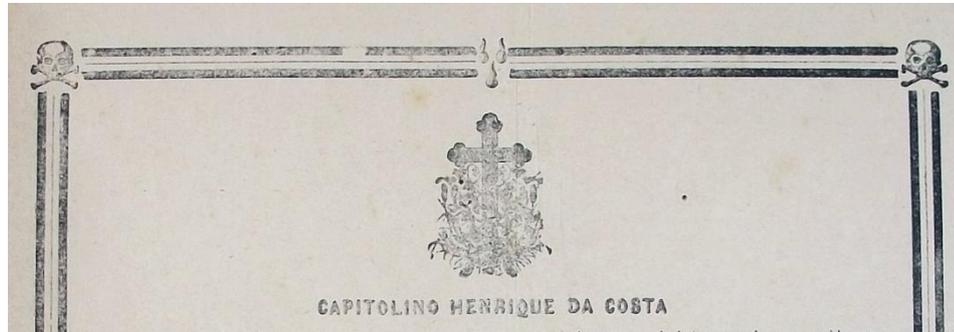


Figura 1: Destaque do necrológio de Capitolino Henrique da Costa. Fonte: Jornal Folha de Sergipe, edição 439, do ano de 1895. Acervo: Biblioteca Pública Epifânio Dórea.

A iconografia, presente na primeira página da edição que publica o elogio fúnebre, apresenta um instrumento importante de difusão da sensibilidade aos exercícios de “bem morrer”, provenientes da reforma tridentina que corresponde às artes de morrer (Rodrigues, 2005: 57). Segundo Claudia Rodrigues esta “arte bastante enfocada no período pós-tridentino, através das pinturas de natureza-morta” tinha por intenção convidar o “observador a uma meditação mais interiorizada e à reflexão sobre a última passagem” (Rodrigues, 2005: 57).

A representação da morte seca através das caveiras e o simbolo da Cruz representação da cristandade, ao qual remete a morte de Cristo são elementos ligados aos signos sociais da morte. As técnicas gráficas, comumente usadas nos jornais do século XIX, são utilizadas como meio de representação do luto e da exaltação da memória de quem praticava o ofício de tipografo. Certamente tal caracterização do necrológio em primeira página chamou a atenção de diversos leitores do jornal, o que deve ter contribuído para um prolongamento da memória ao Capitolino Henrique da Costa.

#### **4 Considerações finais**

As atitudes perante o evento da morte no discurso do jornal pode ser percebida através de uma permanência mecânica em relação à visão sobre a



morte (Castro, 2013:25). É observável o cuidado como se transmite a agonia do falecido e a dor dos familiares desvelando, sutilmente, a vida privada ao público. É através deste “discurso jornalista que se criam ‘ecos’ no cotidiano dos leitores”, através dos pêsames que é colocado no papel (Castro, 2013:26). Sendo possível através do discurso escrito no impresso retratar a dor e os sentimentos exaltados pela manifestação de compaixão e piedade pelo fim de uma vida, transmitindo a toda a sociedade a trajetória de vida e as qualidades do morto.

É evidente que utilizamos um caso específico para representar um todo, no entanto, os resultados que pudemos obter nos permite captar elementos que compõe a mentalidade de uma sociedade no que envolve ao comportamento perante o evento da morte. A análise do necrológio permitiu que fossem percebidos os elementos cristãos como referência às crenças religiosas desta sociedade, e mesmo diante das mudanças propostas pela modernidade, enfatizada pelo avanço da ciência, permitiu uma combinação entre tradição e contemporaneidade nos comportamentos sociais e na forma de se observar a vida.

Entretanto, as informações que aqui apresentamos apesar de não serem conclusivas, visto que tanto a análise da fonte como as atividades do projeto de pesquisa ainda estão em andamento, já é possível uma descrição das práticas de luto e representação da morte de característica romântica. Nossos próximos passos consistirão em fazer uma análise acerca dos tipos dos necrológios existentes no jornal Folha de Sergipe e comparar com o caso particular do elogio fúnebre ao Capitão Henrique da Costa. A proposta é escrever os aspectos que envolvem práticas quotidianas da vida social, e identificar os símbolos que caracterizam tais práticas através da história cultural.

## **Referências**



- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Experiência Histórica: Além da virada linguística. In: \_\_\_\_\_. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Tradução Jonathan Menezes. Londrina: Eduel, 2012, p.227-268.**
- ARIÉS, Philippe. História da morte no Ocidente. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Edição especial. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.**
- BAHIA, Benedito Juarez. História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira. Vol.1 5ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.**
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. A Imprensa na história do Brasil. São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.**
- CASTRO, Tássio Felipe Silvestre. A representação da morte no jornal O Mossoroense. In: Revista Sertões. Mossoró-RN, v.3, n.1, p.25-32, jan./jun.2013.**
- DANTAS, Ibarê. O Declínio dos “Pebas” e o Acordo com os “Cabaús”. In: \_\_\_\_\_. Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel: o patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009. P.309-336.**
- DOSSE, François. O desafio biográfico: Escrever uma Vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2009.**
- RODRIGUES, Claudia. Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.**
- RODRIGUES, Simone Paixão. Associações estudantis no Atheneu Sergipense do século XIX. In: Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Cuiabá, MT. 2013. Disponível em:**
- <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07>> Acesso em: 13/08/2015.**